

MULHERES E SUAS REPRESENTAÇÕES NO ÂMBITO DAS ARTES VISUAIS

VANESSA CRISTINA DIAS¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vanessacristinadias_@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net*

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste resumo é a de apresentar uma pesquisa que se encontra em andamento, ainda em sua fase inicial, na qual se destacam dois momentos em especial. No primeiro, a investigação debruçou-se sobre o poder do erótico como uma força vital norteadora para mulheres, argumentação apresentada no texto *Uses of the Erotic: The Erotic as Power* (LORDE, 1984), quando problematizamos o fato do erotismo ser culturalmente naturalizado no mundo dos homens e apagado no das mulheres. Além disso, orientarmos o nosso olhar para a perspectiva da erótica feminina, discutindo sobre os silenciamentos históricos acerca do prazer feminino, buscando dar visibilidade ao prazer feminino e ao poder erótico.

Na sequência, nos propusemos a abordar a imagem feminina através de produções contemporâneas de duas artistas fotógrafas, Nan Goldin (1953) e Francesca Woodman (1958-1981). Partimos do debate e da problematização da “Pedagogia visual do feminino” (LOPONTE, 2002), nos propomos a pensar numa possível estética feminista, visando identificar possíveis rupturas para com a “Pedagogia visual do feminino” (LOPONTE, 2002) e entender o impacto do trabalho das duas artistas para a construção de novas imagéticas femininas.

Esta pesquisa está em sua fase inicial, integrando o projeto “DO PINCEL AO PÍXEL: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens”, desenvolvido no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), que tem por objetivo colaborar para a construção de saberes estéticos, artísticos e pedagógicos que considerem a mediação das imagens em processos pessoais e coletivos de investigação e compreensão dos códigos contemporâneos, ampliando o espaço de aprendizagem de disciplinas curriculares do curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura.

Historicamente as mulheres vêm sendo consideradas meras coadjuvantes nos processos civilizatórios. O poder masculino, o poder do patriarcado sobre as mulheres, colocou-as por muito tempo em um lugar de submissão e passividade, pois como explica Andréa Nye: “Os homens acham as mulheres ameaçadoras e poderosas, e por isso na teoria analítica acham-nas num seguro lugar inferior num mundo de valores masculinos” (NYE, 1988, p. 153).

Nesse contexto, a mulher é vista como um receptáculo para a preservação da espécie, maternal, passiva e muitas vezes frígida ou sem necessidades e desejos sexuais. Sobre tais questões, Guacira se refere ao seu comportamento quando o assunto era sexualidade e sociedade explicando:

Como jovem mulher, eu sabia que a sexualidade era um assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferentemente, de forma reservada. A sexualidade — o sexo, como se dizia — parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular [...] (LOURO, 2000, p. 7).

Corroborando com tal afirmativa, Luciana Loponte (2002, p. 8) problematiza o que denomina “pedagogia cultural do feminino”, presente em obras de arte que colocaram em discurso a sexualidade feminina, naturalizando e legitimando o corpo da mulher como objeto de contemplação, e transformando esse modo de ver particular na única verdade possível.

Simone de Beauvoir, em seu livro “*O Segundo Sexo*” (1949), apresenta e defende um conceito que ainda é utilizado como embasamento referencial para os discursos feministas, numa demonstração da importância da autora na história dos feminismos. Segundo ela “A mulher é sempre ‘o outro’ do sujeito homem” (BEAUVOIR, 2016, p. 12), sendo assim, consideramos fundamental refletir sobre o papel delegado à mulher em sociedades patriarcais, viabilizando o rompimento com as imposições que constrangem as mulheres há décadas em vários aspectos da vida, inclusive, no que tange a sua sexualidade.

Na história da arte não foi diferente, artistas homens angariaram reconhecimento e poder. As mulheres eram em maioria alvo de representações nas obras de arte, quanto às artistas mulheres, a história patriarcal praticamente ignorou sua presença. Frente a tal situação, as Guerrilla Girls, ativistas norte-americanas feministas que utilizam máscaras de gorilas para esconder suas identidades, lançaram um livro intitulado “*The Guerrilla Girls’ Bedside Companion to the History of Western Art*” (1998), que resgata a presença feminina na história da arte.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo, e a metodologia transitou entre a revisão bibliográfica e a análise de imagens. A revisão de literatura contemplou, especialmente, as obras *O Corpo Educado*, de Guacira Louro Lopes, *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, *Sexualidades, Artes Visuais e Poder: pedagogias visuais do feminino*, de Luciana Grupelli Loponte e *A Partilha do Sensível*, de Jacques Rancière. No que tange à análise de imagens, utilizada com mais ênfase na segunda etapa da pesquisa, cabe destacar que a metodologia segue as práticas desenvolvidas no PhotoGraphein. Ou seja, ponderamos o sentido de *Imagem* relacionado ao que ela evoca através das relações simbólicas que manifesta, referindo em particular a sua capacidade de instigar no espectador a apreensão de sentidos que extrapolam a representação. Logo, podemos considerar que “a imagem é uma configuração visual de qualidades sensíveis capaz de produzir significação” (CAMARGO, 2011, p. 211), o que lhe confere a passagem do estatuto de signo para significante, e “por ser significante, implica conter ou revelar significados, sentidos, essências” (id., p. 211), resultantes do modo como cada um apreende e comprehende, sensória ou cognitivamente, o mundo por nós partilhado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere ao primeiro momento da pesquisa, entendemos importante reconhecer que o prazer feminino é possível para a mulher, sem culpa e negligências, postura que remete ao poder erótico, como Audre Lorde (1984, p. 5) nos explica: “O erótico é uma medida entre os princípios do nosso senso de ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um senso interno de satisfação ao qual, uma vez que o tenhamos vivido, sabemos que podemos almejar.” Segundo a autora, devemos nos voltar para o nosso interior, honrando o sentimento de amor próprio, “pois tendo vivido a completude dessa profundidade de sentimento

e reconhecendo seu poder, em honra e respeito próprio não podemos exigir menos de nós mesmas” (Tradução nossa¹).

E no segundo momento, após analisar as imagens de Nan Goldin vemos que ela lida de forma direta e consciente com a política, expondo as opressões e a miserabilidade da condição humana dos marginalizados. Por sua vez, Francesca Woodman lida subjetivamente com o tema. Em suas fotografias certamente há uma fragmentação da opressão, há uma forte recusa à visão dominante dos corpos e suas correlações. Vemos, portanto, que ambas as artistas contribuem sobremaneira para reflexões acerca da mulher em situação no mundo, pelo viés das representações artísticas, principalmente, buscando romper com a “pedagogia visual do feminino” (LOPONTE, 2002), historicamente instituída. No que se refere a uma Estética Feminista, entendemos que as produções das duas artistas abordadas neste trabalho contemplam tal proposta. Entendida e aceita como uma estética plural, flexível e que possa sugerir o empoderamento e a representatividade de outras mulheres, a Estética Feminista se trata de uma maneira política de produzir, mesmo que sem intenção consciente.

Dentre as três formas de “Partilha do Sensível” da arte com a política, as duas artistas conseguem principalmente inscrever sentidos às suas produções artísticas, visto que as formas de suas (re)apresentações de si, e do mundo por consequência, “definem a maneira como obras ou performances “fazem política”, quaisquer que sejam as intenções que as regem, os tipos de inserção social dos artistas ou o modo como as formas artísticas refletem estruturas ou movimentos sociais” (RANCIÉRE, 2005, p. 19).

4. CONCLUSÕES

A partir da análise das discussões realizadas até então é possível encaminhar algumas conclusões. Após as leituras e discussões entabuladas, avaliamos que um meio possível para a promoção de rupturas e resistências se dá através do resgate e análise da história de vida de outras mulheres, que subverteram os paradigmas em seus diferentes tempos históricos, e suas produções no campo das Artes Visuais.

Entendemos a importância de artistas mulheres problematizarem suas próprias histórias e corpos, e representarem/capturarem os corpos e vidas de outras mulheres, consolidando uma visão íntima e genuína acerca do universo feminino. Acreditamos que essa é uma maneira possível para subvertermos a “Pedagogia Visual do Feminino”, problematizada por Loponte, em prol de uma imagem feminina construída pelas próprias mulheres. Isso, na consideração de que a arte exerce autoridade e gera influências sobre as pessoas, interferindo na maneira como pensamos sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo** Fatos e Mitos. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 9-27, 2016.

¹ *The erotic is a measure between the beginnings of our sense of self and the chaos of our strongest feelings. It is an internal sense of satisfaction to which, once we have experienced it, we know we can aspire. For having experienced the fullness of this depth of feeling and recognizing its power, in honor and self-respect we can require no less of ourselves.* (LORDE, 1984, p. 5)

CAMARGO, Isaac Antônio. IMAGEM: representação versus significação IN: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). **IMAGEM EM DEBATE**. Londrina: EDUEL, 2011, p. 205-218.

GIRLS, Guerrilla. **The Guerrilla Girls' Bedside Companion to the History of Western Art**. United States of America. 1998.

LOPONTE, Luciana Grupelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 283-300. Julho/Dez. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000200002>> Acesso: 06.02.2018.

LORDE, Audre. **Uses of the Erotic**: The Erotic as Power. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984.

LOURO, Guacira. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NYE, Andréia. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1988.

RANCIÉRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Estética e política. São Paulo: EXO experimental org., 2014.